

# A METAFÍSICA DA MORTE EM MURILO RUBIÃO

*Carlos Alberto de Negreiro\**

## 1 A METAFÍSICA DA MORTE EM “ZACARIAS”

Uns mudam/ Para outras cidades/ Uns se mudam/ Para o cemitério/  
Uns se mudam/ Para os outros/ Simplesmente/ E não dizem/ Mais nada

**Eli Celso**

No conto **O Pirotécnico Zacarias**, de Murilo Rubião, autor que utilizou o elemento “fantástico” para erigir sua obra, em que se caracterizou exclusivamente pelo gênero “conto”. Pode-se perceber uma peculiar representação de configuração de “estado de espírito” em relação à morte, ou seja, na forma como sente o personagem Zacarias interiormente o mundo à sua volta. Ele é um morto-vivo, sabe que não está mais vivo, porém continua a andar entre os vivos na mais aparente normalidade, somente a reação de espanto das pessoas é que faz com que ele perceba: não faz mais parte desse “mundo de vivos”.

Esse estado de ambivalência e incerteza frente ao “mundo dos vivos”, fez-nos aludir a um tópico do pensamento filosófico: “a metafísica”. A metafísica que se quer alcançar com estas breves reflexões logo a seguir, não se referem a fazer um tratado sobre a Metafísica, mas antes, promover uma relação entre uma idéia de metafísica e um dos assuntos que o texto literário toca com sensibilidade que é o motivo<sup>1</sup> da vida/morte.

Se a metafísica<sup>2</sup>, de acordo com a ortodoxia, é a “ciência da totalidade”, para tecer um olhar sobre o literário e sua expressão do universo do matrimônio entre a vida/morte, pensamos que haveria uma “metafísica” subjacente ao discurso literário. Para a idéia de metafísica que se tem ao longo deste trabalho, recorremos ao que Ortega Y Gasset (1966, p. 12) diz

(...) la Metafísica no es Metafísica sino para quien la necesita.]  
Para quien no la necesita, para quien no la busca, la Metafísica es

\* Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<sup>1</sup> Motivo é encarado aqui como: “uma situação típica que e repete, como algo só (...) apreendemos quando abstraímos de qualquer fixação individual”. Cf. KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária**. 12.ed. Coimbra: Arménio Amado, 1976. pp. 82-83.

<sup>2</sup> Segundo a filosofia, “metafísica é a ciência da totalidade – o saber, o pensamento – do ente como ser. (...) Como ciência do ser, a metafísica é a ciência da totalidade”. In: MOLINARO, Aniceto. **Léxico da metafísica**. Tradução Benôni Lemos et al. São Paulo: Paulus, 2000. p. 09. Nesse sentido, aproveitamos o termo, provindo da filosofia, para relacionar à particularidade da visão de Zacarias sobre a vida, após a sua morte. Metafísica é investigação filosófica que gira em torno da pergunta “O que é?”. Investiga aquilo que é ou existe, a realidade em si. Exige a distinção entre ser e parecer, ou entre realidade e aparência. In: CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997. p. 207.

uma serie de palabras o si, se quiere, de ideas que, aunque se crea haberlas entendido una a una carecen, em definitiva, de sentido, esto es, que para entender verdaderamente algo, y sobre todo la Metafísica, no hace falta tener eso que se llama talento no poseer grandes sabidurías previas; lo que, em cambio, hace falta es una condición elemental, pero fundamental: lo que hace falta es necessitarla.

Ao iniciar a narrativa, o protagonista Zacarias, lança uma pergunta a respeito de sua própria morte, ou seja, é uma questão metafísica, pois trata de algo que vai além do que seja físico feito por “alguém” que narra uma história em primeira pessoa, portanto cuja dúvida paira sobre si mesmo: “raras são as vezes que, nas conversas de amigos, ou de pessoas de minhas relações, não surja esta pergunta. Teria morrido o pirotécnico Zacarias?” (OPZ, p.25)<sup>3</sup>.

O narrador fala de si mesmo como se ele fosse terceira pessoa. Assim, realiza o que denominaríamos de “distanciamento subjetivo”, uma vez que faz a “interrogação” fundamental sobre sua existência. Note-se de que maneira o texto nos apresenta este “motivo” – o da personagem que inquire sobre sua condição de estar vivo.

O paralelo com outro escritor, Machado de Assis, em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**<sup>4</sup>, se torna evidente. Machado utilizou algo semelhante: um narrador “morto” falando de si e narrando uma estória, um narrador-personagem defunto, isto é, um narrador-defunto (MPBC, 2004, p. 513),

(...), expirei às duas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía de cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos.

O narrador-defunto tem total consciência de tudo o que lhe aconteceu, antes e depois do episódio em que a fronteira entre vivos e mortos se rompe, um “outro-reino”. No caso de Zacarias, ele “hesita” em acreditar na “absoluta” morte: “Em verdade morri, (...). Por outro lado, também não estou morto (...)” (OPZ, p. 26).

Zacarias traz consigo um legado, em seu próprio nome, que lhe reserva algo de “especial”. Seu nome significa, na tradição bíblica “aquele que o Senhor recorda” (BS, 1986). Vemos, por esse índice que a “hesitação” do pirotécnico não é à toa, pois convergiria para a criação de uma atmosfera em que a hesitação incidiria sobre um imaginário povoado de “figuras”, que relativizaria conceitos como o de vida/morte. Zacarias é um sujeito que tem uma experiência epifânica em sua trajetória de “morto-vivo” (OPZ, p. 31),

<sup>3</sup> OPZ – abreviatura do conto e da edição utilizada neste trabalho: RUBIÃO, Murilo. **O Pirotécnico Zacarias**. 16 ed. São Paulo: Ática, 1993. A 16ª. edição de tantas outras edições feitas pela mesma editora, a Ática. A primeira, em 1974, foi então o lançamento do autor para o grande público.

<sup>4</sup> Para mencionar essa obra utilizamos: MPBC. Cf. ASSIS, Machado. **Obra completa**: romances – v.1. 11.reimp. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2004. (Biblioteca Luso-brasileira, série Brasileira; v.1).

Do que aconteceu em seguida não guardo recordações muito nítidas. A bebida que antes me afetava, teve sobre meu corpo defunto uma ação surpreendente. Pelos meus olhos entravam estrelas, luzes cujas cores ignorava, triângulos absurdos, cones e esferas de marfim, rosas negras, cravos em forma de lírios, (...).

Sua “ignorância” só acentua o caráter de “hesitação”, que só nos vêm apresentar uma situação de extraordinário realismo, pois as ações do personagem são verossímeis e não supra-humanos ou com alguma conotação de algo sobrenatural. No entanto aproxima-se do sobrenatural o fato de Zacarias, morto, continuar andando entre os vivos: “Para tornar mais confusa ainda a situação, sentiam a impossibilidade de dar rumo a um defunto que não perdera nenhum do predicados geralmente atribuídos aos vivos” (OPZ, p. 30).

Os predicados a ele atribuídos se referem às ações humanas de falar, expressar-se, andar, o que nos induz a pensarmos que esse “absurdo”, pelo menos para o narrador defunto, não é tão absurdo. As personagens possuem essa noção que, de alguma forma, passam a ter contato com Zacarias. Zacarias, que tem um “sinal” em seu nome, pode ter esse “absurdo”, pois o “Senhor”, ou seja, Deus, ou uma “força maior”, compreende esse homem mortal, e sua condição de mortal/ não-mortal eleva a significação dessa lembrança.

Com isso, chegaríamos nas implicações de uma das questões ontológicas mais impertinentes do ser humano: que diz respeito a finitude/ brevidade da vida, a finita duração do homem no planeta Terra.

Sendo assim, Zacarias constitui um “erro”, uma “falha” da natureza ordinária do universo humano. Tal idéia nos encaminha à “imagem” que isso constitui, se pensarmos na formação de imaginário poético, no qual Zacarias é o “erro da natureza”, mas com uma certa aura divina em seu nome. Ele vaga entre os vivos e provoca nos transeuntes uma sensação desconfortável de algo que não está certo.

No entanto esse “erro” é uma transmutação de valores em torno da “vida”: há uma semelhança, em termos de tema, com o que se diz em “Viver não me custa nada/ Viver só me custa a Vida” (ELIS REGINA, 1970). A vida, para Zacarias, é melhor vivida quando ele já não vive, e sim quando há a morte. E isso se apresenta como um impasse para aqueles que não experienciaram o que ele “experimenta”; afinal a vida deveria ser “vivida” e não “morrada”, como fica implícito. É o “acontecimento” de Zacarias que nos mostra a contradição e põe em questionamento “como se vive uma vida”. E no caso de Zacarias, vive uma vida depois de sua “morte”.

Zacarias neste estado de narrador-defunto de sua própria estória se constrói pela palavra. Aliás, sua habilidade com a palavra já era um artifício muito bem utilizado quando, em momentos de sua vida, ele precisava argumentar: “(...), eu vencida qualquer disputa dependente de argumentação segura e irretorquível” (OPZ, p. 30).

Esse aspecto em que se destaca a uso da “palavra”, no texto é literário, mas, para o personagem, tem valor de “verdade”. Notamos que há uma reiteração dessa expressão ao longo do texto, como se o personagem se constituísse pelo valor que a palavra passa a ter. Sua existência é dupla: pela palavra que usa – ele próprio, enquanto vivo e, agora, enquanto morto – e pela palavra escrita, já que se trata de um texto literário, um conto. Ela cobre as duas dimensões – a ficcional e a da criação através da escrita. Observa-se, assim, o aspecto da metalinguagem: um texto falando dele mesmo. Vejamos no texto: “Em verdade morri, (...)” (p. 26).

Nesse ponto, o “ser” Zacarias é pura consciência, pois tem plena ciência do que lhe aconteceu. O que podemos dizer sobre isso? Não seria consciência absoluta quando se sabe que morreu. No caso, a forma verbal “morri”, provoca mais uma vez um “choque” de realidade; o *cogito* do sujeito se dá justamente quando sua vida se finda. Nesse limiar, o sujeito, “côncio”, diz: “morri”.

Esta passagem: “— Meninos, amai a verdade!” (OPZ, p. 27), alude ao texto bíblico, contexto em que a Palavra é a Verdade, e Esta é Aquela. Na Bíblia<sup>5</sup>, lê-se:

“Deus é a verdade, e não há nele injustiça” – Dt 32: 4  
 “Tu me remiste, ó Senhor, Deus da verdade” – Sl 31: 5  
 “... e a tua lei é a verdade...” – Sl 119: 142  
 “Todas as tuas palavras são verdade” – Sl 119: 160  
 “porque todas as suas obras são verdade” – Dn 4: 37  
 “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” – Jo 8: 32  
 “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” – Jo 14: 6  
 “Na palavra da verdade, no poder de Deus” – 2Co 6: 7  
 “ouviste pela palavra da verdade do evangelho” – Cl 1: 5

Reincide, assim, o “valor” de uma pretensa verdade que existe, pois quem clama por ela já não é mais um vivo: “Não sei se pela força da lógica ou se por um dom natural, a verdade é que Zacarias procura repetir e, com a reiteração tenta compreender melhor o que se passa consigo (OPZ, p. 30),

Repeti diversas vezes a palavra cemitério. (Quem sabe nem chegasse a repeti-la. Mas somente movesse os lábios, procurando ligar as palavras às sensações longínquas do meu delírio policrômico.).

Observa-se nesse episódio, que Zacarias ainda está sob o efeito da epifania que representa a sua “passagem” da vida (anterior – que era quase uma morte em vida) para a morte (posterior – que representa, para ele, agora uma vida ).

A palavra como verdade pode ser vista de forma que a condução do enredo, em **O Pirotécnico Zacarias**, nos envia a uma reflexão de que a dúvida de Zacarias – em saber se está morto ou vivo, ou ainda se é um vivo-morto, ou um morto-vivo – faz colocar em questão o conceito de vivo e o de morto – o que é estar morto, então? Em oposição a estar vivo, o que significa?

A verdade é ocultada pelo sujeito. Há, assim, então, uma “verdade interior” que está em cada pedaço da fala desse sujeito, a tendência é, pois, omitir essa “possível” verdade, o que acaba gerando ambivalência, uma vez que não ocorre uma enunciação dessa verdade; “Minto, logo sou”. Dessa forma, não se fala em verdade, isso ocorre para que o outro aceite o discurso, pois, se desvelá-la, não se tem uma relação, ao menos cordial, com o outro. A verdade não deve ser mostrada. O discurso do sujeito faz-se pela mentira – “a verdade está ocultada”.

---

<sup>5</sup> Op. cit., 1999.

Assim, onde estaria a verdade em Zacarias? Ele se “alterna” – entre vida/morte – e, por consequência, em relação à verdade. O que é a verdade, senão algo que, por não poder se desvelar, se faz pela linguagem literária?

A verdade filosófica se baseia na idéia da natureza e da constância da “relação” entre a enunciação e a coisa, algo similar, segundo Aristóteles, à concordância entre uma figura geométrica e a equação algébrica que a expressa. Para isso, Heidegger<sup>6</sup> (1979) diz:

A enunciação sobre a moeda se relaciona com esta coisa enquanto a apresenta e diz da coisa apresentada o que ela é sob o ponto de vista principal. A enunciação apresentativa exprime, naquilo que diz da coisa apresentada, aquilo que ela é, isto é, exprime-a tal qual é, assim como é.

Na passagem “– Meninos, amai a verdade!” (1993, p.15), o narrador-defunto parece retroceder no tempo, e através da intersecção de planos apresenta suas reminiscências. Nesse caso, estabelece-se um intertexto com o texto bíblico. Mas, antes disso, no início do conto, o narrador-defunto, questiona: “Em verdade morri, o que vem de encontro à versão dos que crêem em minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e, devo dizer, com mais agrado do que anteriormente” (1993, p.14). O elemento fantástico aí se instaura, o sujeito sabe que está morto, no entanto tem consciência de que não está totalmente morto. Ele foi morto, atropelado por um carro, contudo continua a caminhar entre os vivos, daí o narrador-defunto ironicamente falar parafraseando o texto bíblico, como uma enunciação de uma verdade.

Sobre o fato de Zacarias apresentar-se nessa situação extraordinária, ou, para ser mais preciso, fantástica, a existência de um sujeito implica “sofrimento da carne” – o que está vivo morre. É a perspectiva de um estado deletério. Para Rosset, o real é sempre singular, e a realidade cruel. Porque, além de a realidade ser “intrinsecamente dolorosa e trágica”, também a unicidade do real nos priva de todo o remédio. Não há escapatória ou consolo.<sup>7</sup>

Zacarias estaria vivendo um paradoxo, um paralelo em que se entrecrocavam às questões da existência ou ontológicas: o sujeito existe porque não mais existe. Daí sua condição trágica, pois ele só passa a existir depois de morto. Enquanto era vivo, ninguém lhe dava importância, não percebia nele um ser humano vivo e pleno. A plenitude de Zacarias acontece justamente quando ele perde a vida. Denominamos esse fato de biológico, para só depois perceber sua condição ontológica. Zacarias tem, pois, existência no trágico. O trágico aqui mencionado remete-nos ao que diz Rosset<sup>8</sup> (1989, p. 299-300),

Aprovar a existência é aprovar o trágico: consentir em uma intangibilidade da existência em geral que as noções de acaso, artifício, facticidade, não-duração, descrevem cada uma em seu nível conceitual. E também renunciar a toda exigência de ser para além da soma das existências, ser e trágico opõe-se tal qual o não e

<sup>6</sup> Cf. HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. In: \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>7</sup> Cf. ROSSET, Clément. **O princípio da crueldade**. Prefácio e tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p.17.

<sup>8</sup> Cf. ROSSET, Clément. **A antinatureza**: elementos para uma filosofia trágica. Tradução Getulio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. 1989. p. 299-300.

o sim, a denegação e a afirmação, a necessidade e o acaso, o direito e o fato, a natureza e o artifício. O trágico da existência é o prescindir de qualquer referencial ontológico – ‘não nos comunicamos com o ser’, diz Montaigne; todavia, seu privilégio é, paradoxalmente, ‘ser’. Por isso a existência somente é aprovada se simultaneamente for aprovado o caráter factício e artificial: ou a aprovação é trágica, ou não há aprovação.

Assim, a condição de Zacarias se instaura no paradoxo, o que, por si só, já justificaria caracterizá-lo como um elemento fantástico, embora o que fique marcado pela leitura do texto literário de Murilo Rubião seja o construto de imagens, formando um caudal fantástico, e convergindo, portanto, para a construção de um imaginário, permeado de elementos que nos fazem refletir sobre a condição humana. Todos os “bichos”, “animais” (o Dragão, o Coelho Teleco) e os sujeitos “(des)importantes”, como o “Mágico-funcionário público”, e o “Pirotecnico Zacarias”, se tornam simbólicos – símbolos desse imaginário fantástico –, permitindo ao leitor o ingresso num mundo reduplicado e rebatido, pronto para abordar ou suscitar o mecanismo de imagens, a refração de mundos, apresentadas e fruídas através do texto literário.

## 2 A METAFÍSICA DA MORTE EM “EX-MÁGICO”

Senhor, todos eles estão, agora, em minha insônia e em minha [desolação, como a presença da morte está na máscara dos que nada esperam].

**Emílio Moura**

Em **O Pirotecnico Zacarias** e em outro conto de Rubião, **O Ex-Mágico da Taberna Minhota**<sup>9</sup>, percebemos alguns pontos em consonância, aspecto que não deixa de ser curioso, pois se caracterizam como um traço marcante na obra de Rubião, ou seja, alguns elementos mantendo uma intratextualidade, sendo recorrentes em mais de um conto. Por exemplo: Teleco morre no final do conto, e em outro, ao longo da narrativa, muitos dos Dragões morrem. Entre os contos citados no início, ocorre o seguinte: Zacarias é atropelado, supostamente segue-se sua morte, no entanto permanece entre os vivos; o caso do Ex-Mágico tenta dar fim a sua vida, mas não consegue, fica como um “vivo morto”, enquanto que Zacarias é um “morto vivo”, (o que caracterizaria uma certa simetria entre os dois: Zacarias e o Ex-Mágico).

A morte, representada de maneira distinta, é um dos *leitmotiv* dessas narrativas. No caso do primeiro, o narrador-personagem busca a morte, alcançando-a de forma trágica e incompleta, enquanto que Zacarias, um pirotecnico, é atropelado e morto, todavia não tem (consciência de sua própria morte, não sabe se está vivo ou morto; sabe que não está mais vivo, no entanto continua a andar entre os vivos – o que constitui um paradoxo, traço caracterizador do fantástico em Rubião.

<sup>9</sup> Ambos os contos pertencem a esta edição: cf. RUBIÃO, Murilo. **O Pirotecnico Zacarias**. 16.ed. São Paulo: Ática, 1993. Para a referência a esse conto vamos utilizar: OEMT.

Em **O Ex-mágico da Taberna Minhota**, a temática da morte é um eixo condutor da narrativa, a qual, com o outro conto, **O Pirotécnico Zacarias**, formam um “par” em que se observa o que denominamos de relação paralelística, isto é, ambos tratam sobre o tema da morte, no entanto de forma “contradictória”, uma “dicção” que fica oposta à outra. Vejamos melhor: o Ex-mágico procura, durante toda a narrativa, a morte, enquanto que o Pirotécnico morre logo e passa a “buscar” a vida, já que seu estado de narrador-defunto põe em “cheque” conceito absoluto do que seja estar vivo:

O Ex-mágico (está vivo) → busca a MORTE e não “vive”

O Pirotécnico (está morto) → vive uma “VIDA” (após a morte)

O narrador de primeira pessoa reitera e centraliza as ações em torno de si. O conto é a história de um narrador-personagem que procura, durante toda a sua “narração”, mostrar as diversas tentativas de suicídio. Já no início, ele mostra uma dessas formas – ser funcionário público – o que nos remete para um “mote” que indicia o quanto o personagem tem características de um “casmurro”.

Em Murilo Rubião, existe o sofrimento, que resulta de uma permanente procura do sentido da vida. Percebemos em o “Ex-mágico” uma melancolia provinda de eventos que rodeiam o narrador por conta de sua angústia por fazer todo o possível para exterminar a sua vida e não conseguir efetivar esse intento, (OEMT, 1993, p. 07),

(...) na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores.

O sofrer se torna banal com o passar dos tempos. O tédio de viver provoca náuseas nas personagens mais vulneráveis. O retrato do funcionário público é uma constante em sua escritura: “Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior”(1998, p. 07). Nada mais significa esta imagem além de representar o esgotamento do próprio homem. Não consegue se libertar dessa prisão, pois já não consegue mais ser livre. O homem condicionou a se prender nos labirintos de sua própria alma, entregando-se em cárcere para se libertar dos próprios tormentos. É a vida que implora pela morte, não como uma saída para o desespero, mas como o recomeço da existência.

**REFERÊNCIAS**

- ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: \_\_\_\_\_. **Obra completa:** romances – v.1. 11.reimp. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2004. (Biblioteca Luso-brasileira, série Brasileira; v.1).
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1997. p. 207.
- HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. In: \_\_\_\_\_. **Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária.** 12.ed. Coimbra: Arménio Amado, 1976.
- MOLINARO, Aniceto. **Léxico da metafísica.** Tradução Benôni Lemos et al. São Paulo: Paulus, 2000. p. 09.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Unas lecciones de metafísica.** Madrid: Alianza Editorial, 1966. (El libro de bolsillo)
- ROSSET, Clément. **O princípio da crueldade.** Prefácio e tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p.17.
- ROSSET, Clément. **A antinatureza:** elementos para uma filosofia trágica. Tradução Getulio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. 1989. p. 299-300.
- RUBIÃO, Murilo. **O Pirotécnico Zacarias.** 16. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor; Metafísica da morte.** Introdução Martial Gueroult. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.